

Audiodescrição: o que é? Como se faz?

Audiodescription: what is it? How do you do it?

Descripción de audio: ¿qué es? ¿Cómo se hace?

Ivan Vale de Sousa¹

Resumo: A leitura de imagens no contexto escolar implica no acesso ao conhecimento por todos os estudantes. Nesse sentido, são objetivos deste trabalho: apresentar noções básicas da audiodescrição no processo socioeducacional formativo; refletir a relevância da audiodescrição nas práticas de sala de aula no acesso à informação; descrever uma experiência de audiodescrição com alunos deficientes visuais cegos e apontar caminhos para o trabalho educativo na perspectiva da inclusão. Assim, espera-se que as reflexões, aqui enaltecidas, contribuam com as mudanças metodológicas e atitudinal no processo de escolarização e letramento dos alunos na escola.

Palavras-chave: Leitura de imagens. Audiodescrição. Inclusão.

Abstract: *The reading of images in the school context implies access to knowledge by all students. In this sense, the objectives of this work are: to present basic notions of audiodescription in the formative socio-educational process; to reflect the relevance of audiodescription in classroom practices in access to information; to describe an audiodescription experience with visually impaired blind students and to point out ways to the educational work in the perspective of inclusion. Thus, it is hoped that the reflections, here highlighted, contribute to the methodological and attitudinal changes in the process of schooling and literacy of the students in the school.*

Keywords: *Reading images. Audio Description. Inclusion.*

Resumen: *La lectura de imágenes en el contexto de contexto de acceso al conocimiento de todos los estudiantes. En este sentido, los objetivos de este trabajo son: a presentar las nociones de audiodescripción en el formativo socio-educativo del proceso; para reflejar la relevancia de la audiodescripción en prácticas prácticas en el acceso a la información; para describir una audiodescripción experiencia con visualmente impedidos ciegos de los estudiantes y hasta cierto punto para el aprendizaje en la perspectiva de la inclusión. Por lo que se refiere a la reflexión, aquí resalta, se refiere al método y los cambios en el proceso de enseñanza y alfabetización de los estudiantes en la escuela.*

Palabras-chave: La lectura de imágenes. Descripción de audio. Inclusión.

¹ Mestre em Letras (UNIFESSPA), Professor da Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Horizonte (Parauapebas/PA).

Introdução

Na escola, são realizados variados eventos sociais, a exemplos de feiras científico-culturais, palestras de conscientização relacionadas ao meio ambiente e à saúde, além de reuniões de início do ano letivo, final de bimestre ou do semestre. Infelizmente, apesar das políticas e das discussões voltadas à temática da inclusão, o espaço escolar ainda não pode ser considerado um contexto que promove a inclusão dos sujeitos que apresentam determinadas limitações visuais, comunicativas e psicomotoras, porque não conseguiu, de fato, atender as múltiplas necessidades educativas. Assim, é urgente que se repense a escola como espaço amplo, com todos e para todos, no qual os sujeitos tenham as mesmas possibilidades de acesso às propostas de conhecimento.

Presume-se então que a inclusão nas práticas escolares não seja uma função unicamente dos professores regentes de sala de aula, tampouco de educadores especialistas, e sim de todos os agentes que compõem o ambiente das aprendizagens. E, caso a escola seja um projeto ético de construção de uma sociedade menos seletiva e mais inclusiva, temos uma enorme responsabilidade na proposição de espaços ou prática de atitudes mais humanitárias, visto que qualquer processo de inclusão aponta para a valorização das habilidades do sujeito, e não para a supremacia da deficiência.

Uma das formas de tornar as práticas acessíveis à aprendizagem, é permitir que os alunos com deficiência visual tenham acesso ao conhecimento cultural inserido na politização imagética, contando, pois, com a técnica da audiodescrição (AD) para compreender as aprendizagens contidas nas imagens estáticas dos livros didáticos. Dessa forma, as reflexões neste trabalho transitam entre três tópicos discursivos. No primeiro tópico, algumas noções básicas da técnica de AD são discutidas na política de inclusão socioeducativa escolar. No segundo, o acesso à informação de imagens estáticas presentes, a exemplo dos livros didáticos, é apresentado por meio da AD. O terceiro tópico traz a descrição de uma experiência em AD com três estudantes portadores de deficiência visual, na apreciação do cenário da peça *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, bem como das colocações dos estudantes que participaram da intervenção. E, a partir das imagens estáticas, uma síntese do trabalho é apresentada na concepção das políticas públicas de inclusão, no acesso à leitura e ao saber.

Noções de Audiodescrição na Inclusão Socioeducacional e os Sujeitos Invisuais na Escola

Muitas têm sido as discussões referentes ao processo de inclusão nos contextos escolar, social e cultural. Sabe-se que incluir é muito mais que aceitar as pessoas que não se adequam aos estereótipos socialmente criados, visto que, desde um passado tardio até os dias de hoje, os sujeitos que apresentam alguma limitação cognitiva, visual, motora ou comunicativa, lutam para reafirmarem seus lugares na sociedade.

Os desafios e sofrimentos enfrentados pelas pessoas com algum tipo de limitação não são poucos. Contudo, entende-se que a construção do processo de inclusão é feita a partir de ações que demandam tempo, conhecimento e, sobretudo, respeito pelas condições dos sujeitos vistos, muitas vezes, de maneira diferenciada. Assim, a construção das políticas de inclusão não depende apenas de investimentos amplos nas infraestruturas e planejamento metodológico, sobretudo, carece de um diálogo entre as adequações estratégicas, profissionais, atitudinais e estruturais que realmente funcionem:

Apenas as adaptações arquitetônicas não representam acessibilidade à escola, são necessárias que as estratégias pedagógicas se tornem acessíveis às necessidades educacionais dos alunos inclusos, diante disso, a formação de professores constitui fator essencial na promoção de ações inclusivas,

bem como mediar o conhecimento em sala de aula, sistematizá-lo e propiciar aos estudantes protagonizarem suas histórias. (SOUSA, 2015a, p. 1).

É necessário vislumbrar, no processo de inclusão, a construção de uma sociedade mais acessível, tolerante e humanitária. Para isso, faz-se preciso a realização de campanhas de conscientização na sociedade e, principalmente, na escola, haja vista, nesse espaço, persistir a ideia de formulação de uma sociedade mais igualitária, tanto nos direitos quanto nos deveres comuns a todo e qualquer cidadão. De fato, quando há a realização de um trabalho comprometido em prol de um processo eficaz de inclusão, a sociedade alcança a linha de chegada projetada, porque passamos a ser vistos igualmente nas individualidades. Diante disso, a função da política de inclusão efetiva-se quando somos capazes de enxergar o ser humano e não apenas a deficiência. No cumprimento de deveres éticos e humanitários comuns à experiência cidadã, o sujeito com alguma limitação não deseja ser visto pela sociedade como um ser dependente, mas como um cidadão com direitos iguais aos mesmos bens culturais.

Sabemos, enfim, que incluir é muito mais que inserir. Incluir é respeitar as divergências, as peculiaridades de locomoção e de acesso ao conhecimento, já que todos devem “compartilhar das propostas de inclusão e compreendê-las como procedimento em construção, pois se torna um ato de trocas, entendimento, respeito e valorização. É, antes de tudo, uma luta contra todo processo de exclusão” (SOUSA, 2015a, p. 3).

Uma das formas de possibilitar a construção de espaços acessíveis é permitir aos sujeitos o acesso à informação, seja de maneira oral, escrita ou gesto-corporal. A AD então é a possibilidade de permitir às pessoas, com limitação visual ou múltiplas deficiências, a frequentarem os mesmos espaços que os indivíduos sem necessidades especiais. Assim, a AD “consiste na transformação de imagens em palavras para que informações-chave transmitidas visualmente não passem despercebidas e possam também ser acessadas por pessoas cegas ou com baixa visão” (FRANCO; SILVA, 2010, p. 23).

Grosso modo, a técnica da AD produz formas às palavras, às texturas, cores aos argumentos e sentidos ao discurso oral. A AD constitui uma das formas de inclusão ao repertório cultural e de conhecimento, quando as ideias-chave de um texto, e dos elementos imagéticos (figuras, fotografias, gráficos, tabelas), tornam-se a promoção e compreensão do sujeito atendido:

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade comunicacional que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em todos os tipos de eventos, sejam eles acadêmicos, científicos, sociais ou religiosos, por meio de informação sonora. Transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. (MOTTA, 2016, p. 15).

A AD, no contexto da escola inclusiva, possibilita que todos tenham a mesma ou similar compreensão do conhecimento produzido nas propostas de aprendizagem. Escola e inclusão não são vertentes diferentes, e sim contextos e ações a serviço da prática cidadã como direito de todos, já que a instituição escolar refaz sua prática pela diversidade e pela necessidade dos sujeitos atendidos com dignidade.

A Audiodescrição na Sala de Aula e no Acesso à Informação: Por Quê? Como Fazer?

A realização da AD não é tarefa somente de um único docente na função de mediar as aprendizagens, mas também de todos os agentes responsáveis por gerirem a acessibilidade ao saber, à leitura de imagem e, sobretudo, a acessibilidade às imagens estáticas dos livros didáticos.

Mas no âmbito da sala aula, o professor encontra o principal desafio: possibilitar o acesso ao conhecimento dos alunos, com deficiência ou não, a partir de um contexto heterogêneo.

Descrever charges, tirinhas, histórias em quadrinhos, anúncios publicitários, mapas e gráficos é função tanto do professor regente da disciplina quanto do professor especializado. Entretanto, o professor regente precisa estar ciente das ações na oferta ao estudante com limitação para que, de fato, o estudante aprenda a ter acesso à informação. Questionamos: “Como realizar a leitura de imagens para os sujeitos limitados visualmente?” “Por onde começar?”

Conforme minha experiência com Educação Especial, umas das melhores formas para iniciar o processo de AD seria destacar os elementos gráficos localizados no primeiro plano da imagem; ou seja, descrever, primeiramente, os elementos que estão no plano principal da imagem para, em seguida, destacar os demais elementos que compõem a imagem. É fundamental, ainda, realçar os formatos e, se possível, falar das texturas, se a imagem apresenta sombra, ou não, como dialoga com o formato das letras e frases que se apresentam na construção imagética. Há necessidade de se esclarecer que a função da imagem não é apenas adornar o texto, e sim manter um processo de intertextualidade entre a narrativa e a cultura imagética, no acionamento de outros saberes.

Ler imagens tornou-se, pois, imperativo no mundo contemporâneo. Ler imagens para entender melhor as inúmeras mensagens, tanto explícitas como implícitas, para conhecer e entender seus significados; ler imagens para compreender melhor o significado do próprio texto que é ilustrado; ler imagens para ser os olhos daquele que não enxerga e poder, dessa forma, fazer chegar até ele os elementos imagéticos transformados em palavras. O ver mediado pelas palavras, pelo olhar do outro. (MOTTA, 2016, p. 34).

No contexto da sala de aula, o processo de AD não se realiza de maneira esporádica, pois o enfoque é o acesso ao conhecimento relacionado à leitura de imagem na concepção dos sujeitos limitados visualmente. Desse modo, na aprendizagem, considerar a prática da AD é valorizar os demais recursos do livro didático, exigindo do audiodescritor sutileza e fidelidade na descrição da imagem, a fim de que os sujeitos atendidos construam corretamente as concepções necessárias à temática elucidada em sala de aula. É a partir da veracidade, e da descrição fidedigna da cultura imagética, que o estudante constrói argumentos respaldados em informações repassadas. Nesse âmbito, a cultura da imagem nunca esteve tanto em evidência no contexto escolar e social quanto atualmente.

A utilização da AD é uma ação que exige pesquisa, estudo, experimentações e divulgação de propostas bem-sucedidas. E, embora a ação de descrever as imagens estáticas nos livros didáticos apenas alcance os propósitos comunicativos, sociais e de formação quando se associa à entonação adequada utilizada a cada contexto, qualquer processo descritivo situa-se em uma narrativa contextual pelo fato de apresentar um contexto. Nesse aspecto, a AD não é apenas uma “transcrição fonética, não é uma verdade absoluta, mas é uma leitura, sim, de um indivíduo diante de uma cena; portanto, não pode ser uma descrição universal” (MACHADO, 2010, p. 144).

Nas práticas de sala de aula, experimentar a AD é partir da utilização do livro didático e atribuir funcionalidade ao material didático do aluno, e também realizar um processo leitor com objetivos definidos. Assim, a arte de audiodescrever é perceptível na necessidade visual do outro, mediante as ações de professores-parceiros e de estudantes que emprestam sua condição vocal para que os demais agentes descortinem horizontes obscurecidos pela especificidade da limitação. Assim, em hipótese alguma, o sujeito com deficiência visual deve ser privado de transitar entre os saberes direcionados aos indivíduos sem incidência, desde que se faça o uso de técnicas e recursos necessários, porque a “busca pela igualdade de oportunidades suscita a discussão sobre a diversidade, que torna latente o direito que os diferentes indivíduos, ou grupos

sociais, têm de estarem incluído na sociedade” (SANT’ANNA, 2010, p. 153). Assim, quando as práticas escolares são pensadas na ideia da inclusão, refletem as possibilidades capazes de direcionar os sujeitos com deficiência ao conhecimento e à informação

Dessa forma, quando se imagina a sala de aula como espaço comum à construção da aprendizagem, valoriza-se a diversidade específica dos sujeitos na maneira de acessar o conhecimento e efetivar a comunicação. É na escola que há a possibilidade de construção interativa visual, semântico-cognitiva e gestual de maneira sistematizada. Portanto, trabalhar na perspectiva da inclusão é valorizar o humano, sensível e comprometido com as carências apresentadas pelos que nos cercam. Desse modo, a AD, na apropriação do saber produzido, mediante as imagens estáticas nos manuais didáticos, simboliza um viés do contexto-chave igualitário do desenvolvimento cognitivo, social e cultural.

No contexto disciplinar, o desenvolvimento da técnica da AD, em sala de aula, é o encontro entre as ações de ouvir, enxergar e sentir as mesmas emoções de pessoas que não apresentam incidência aparente. É, ainda, demonstrar como a comunicação elabora esse processo de diferentes formas, que gera a capacidade compreensiva do outro, visto que a AD promove uma sensibilidade de inserção da pessoa com deficiência no mesmo contexto temporal do outro. Além disso, por meio da AD, possibilita-se, ao deficiente visual, a formulação de um mapeamento conceitual do elemento descrito, ou seja, enxergar mentalmente sem propriamente utilizar a visão. Compreendemos então que o ato de audiodescrever empresta o campo visual e vocal do outro para compreender os propósitos da leitura de imagem.

A leitura de imagens pelos alunos que enxergam e pelos alunos com deficiência visual, usando a audiodescrição como instrumento de mediação, muito poderá acrescentar ao processo de aprendizagem de ambos. Os olhos do outro, no caso, de colegas e professores, serão os instrumentos de mediação que permitirão que o conteúdo imagético chegue até os alunos cegos e com baixa visão, com ou sem memória visual. (MOTTA, 2016, p. 37).

Todo processo leitor é repleto de propósitos e estão inseridos em um contexto. De modo igual, a presença de um aluno com necessidades educativas especiais, no âmbito da sala de aula, coloca em reflexão a nossa forma de ensinar, porque é na heterogeneidade dos estudantes que as nossas convicções teóricas são confrontadas com as práticas desafiadoras de sala regular. É, nesse sentido, que a leitura das imagens estáticas dos livros didáticos e dos slides seguem os “princípios da audiodescrição de imagens dinâmicas, de imagens dinâmicas no que se refere à objetividade, à tradução dos elementos visuais em palavras e ao cuidado de não fornecer a interpretação” (MOTTA, 2016, p. 38).

Como a AD das imagens estáticas nos manuais didáticos exige preparação, planejamento e adaptação de linguagem, a leitura de uma narrativa textual também requer técnicas que subsidiem a compreensão do ouvinte. Com a função de contribuir no processo de letramento leitor e compreensivo inclusivo, no Quadro 1 são pontuadas algumas técnicas que potencializem o processo de ensino a partir da politização da AD, na função do profissional leitor.

Quadro 1- Técnicas de leitura à luz da audiodescrição

AÇÃO	DESCRIÇÃO
Entonação	A questão da entonação é simples e não apresenta grandes dificuldades.
Altura	A voz deve ter uma altura média, o que depende do ambiente, faz-se necessário elevar ou reduzir o seu tom. Evitar lugares barulhentos onde existam frequentes interrupções ou distração durante a leitura.

Ritmo	A velocidade deve ser regular, evitando-se a lentidão e a rapidez durante o processo. Exceto por solicitação do ouvinte.
Recursos gráficos	Merecem uma devida atenção por, muitas vezes, assinalarem características necessárias para a compreensão do texto.
Gráficos e fotos	Podem ser descritos com detalhes para que o ouvinte imagine a situação e possa fixar com mais eficiência as informações recebidas.
Parênteses	Esta marcação deve ser lida da seguinte maneira: - “Abre parênteses...” e “... fecha parênteses” – quando entre eles estiverem mais de uma palavra. - “Entre parênteses” – quando dentro deles estiver uma só palavra.
Aspas	São lidas como os parênteses. Pode-se acrescentar um efetivo vocal para marcar a mudança de interlocutores, quando as aspas exercerem esta função. - “Abre aspas...” e “... fecha aspas” – quando existirem entre elas mais de duas palavras. - “Entre aspas” – quando entre elas estiver apenas uma palavra.
Travessão	Omite-se quando trata da mudança de fala entre interlocutores. Contudo, deve ser lido se estiver exercendo outra função no texto.
Rodapé	Notas de rodapé devem ser lidas imediatamente após seu aparecimento. Caso sejam lidas após toda a página, o ouvinte poderá perder o contexto da nota. A leitura das notas se faz assim: - “Nota de rodapé...” - lê-se a nota e depois se diz “... voltando ao texto...” para prosseguir a leitura.
Palavras Estrangeiras	Palavras estrangeiras devem ser lidas da maneira que for possível ao leitor e, posteriormente, soletradas. Exemplo: Meu nome é Washington. Lê-se “Meu nome é Washington w-a-s-h-i-n-g-t-o-n”. Os pontos de interrogação, exclamação, contínuos, finais, vírgulas e acentuação não se leem, pois, ficam claros na entonação diferenciada.

Incluir e possibilitar a participação dos alunos é um dever não apenas do educador, mas de toda a instituição escolar. De posse dessas técnicas, o professor, na função de leitor, tem o embasamento para amenizar os processos díspares em sala de aula. Dessa forma, no tópico seguinte, há a descrição de uma experiência à luz da AD com estudantes deficientes visuais cegos.

Audiodescrição em Voga e Relato da Experiência: da Imagem ao Contexto

O novo inquieta a ponto de, às vezes, nos tornar indiferentes às necessidades do outro. Assim, a minha primeira e significativa experiência com a Educação Especial efetivou-se quando fui convidado para trabalhar no atendimento aos sujeitos com deficiência visual na Unidade Educacional Especializada em Deficiência Visual Jonas Pereira de Melo, em Parauapebas, sudeste do Pará. Na oportunidade, ensinava Língua Inglesa e, posteriormente, Iniciação Teatral para alunos cegos ou com baixa visão. Percebi, na época, que era preciso correlacionar os conhecimentos teóricos com ações capazes de amenizar as disparidades vividas pelas pessoas com algum tipo de limitação, pois as discussões e reflexões somente são válidas quando há um processo experimental com os sujeitos que carecem de atendimento educacional especializado e, sobretudo, de qualidade.

Durante o tempo de trabalho na Educação Especial, projetei as inquietações para a minha pesquisa de Graduação em Teatro, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Destinei

um dos capítulos do texto monográfico² à técnica de AD com uso do programa computacional *Dosvox*, que é uma interface com síntese de voz, em que os alunos podem ouvir a leitura de textos e acessar outros saberes. A experiência foi realizada com três alunos deficientes visuais cegos, dois deles com cegueira adquirida e um com cegueira congênita, cujas identidades serão omitidas para preservar a integridade psicossocial do aluno. O objetivo da proposta era repensar a ampliação do espaço cultural às pessoas limitadas visualmente, e este foi o motivo pelo qual parti das seguintes situações-problema: de que forma o sujeito com deficiência visual, ou com cegueira, apropria-se dos elementos cenográficos de uma peça teatral? Que ações podem ser pensadas?

Com o propósito de responder às indagações, elaborei um Projeto de Intervenção para ser aplicado com os sujeitos selecionados, que eram cegos. A proposta de cenografia acessível realizou-se em oito etapas, conforme destacadas no quadro a seguir, que pode ser apreciada na ferramenta tecnológica *Youtube*³.

Quadro 2 – Projeto Inclusivo de Audiodescrição

ETAPAS	DESCRIÇÃO
1	Elaboração do Projeto de Cenografia para o público deficiente visual.
2	Seleção dos estudantes para participarem da experiência.
3	Conversa com a professora de informática e seleção do material.
4	Elaboração do processo de descrição da imagem.
5	Adaptação da narrativa para o programa computacional <i>Dosvox</i> .
6	Realização do Projeto Cenográfico audiodescritivo com os estudantes.
7	Roda de conversa com os alunos participantes sobre a experiência.
8	Publicação do Projeto Cenográfico, acessível na ferramenta <i>Youtube</i> .

Publicação do Projeto Cenográfico, acessível na ferramenta *Youtube*.

O cenário escolhido para a realização do Projeto Acessível Cenográfico foi o do espetáculo *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, apresentado em 1943, que representou, para o contexto teatral brasileiro, uma inovação em montagens cênicas, visto que o espetáculo exigiu mudanças nas formas de concepção de palco, havendo, portanto, um encontro entre texto e encenação. A opção de se trabalhar o teatro com o público da Educação Especial justificou-se pela relevância da peça para a dramaturgia no Brasil e, principalmente, pela minha atuação, como professor, de Iniciação Teatral no ambiente da Educação Especial. Além de representar uma das formas de ampliar o repertório cultural para os deficientes visuais, a efetivação do Projeto também os inseriu no contexto de acesso aos bens culturais.

A lufada renovadora da dramaturgia contemporânea partiu de *Vestido de Noiva* – não se contesta mais. Nelson Rodrigues conheceu de súbito a glória teatral e a repercussão transcendeu os limites do palco, irmanando-se ele às outras artes. Talvez, em toda a história do teatro brasileiro, nenhuma outra peça tenha inspirado tantos artigos, tantos elogios, um pronunciamento maciço dos escritores e dos intelectuais. (MAGALDI, 2004, p. 217).

2 O trabalho intitulado como “A linguagem teatral como processo inclusivo de alunos deficientes visuais”. Defendido na UFMA, em 2012, Campus de Imperatriz.

3 Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=BtancsExMPo>. Não poderia deixar de agradecer às professoras Edna Coutinho, Cristiane Maria e Antônia Pereira, no auxílio da gravação do Projeto Cenográfico.

Em virtude de estarmos à margem das políticas públicas de acessibilidade, nem sempre acessíveis às pessoas com deficiência, é que optamos pela ampliação do repertório artístico-cultural com a experiência da montagem cênica de *Vestido de Noiva*. Nesse aspecto, as propostas de práticas culturais tornam-se inclusivas por respeitarem as necessidades de pessoas com limitação de usufruírem os mesmos conhecimentos e oportunidades dos sujeitos sem limitação. A proposta de apreciação cenográfica para pessoas com limitação visual mostrou-se inovadora e desafiante, a exemplo da construção cênica de *Vestido de Noiva*.

No contexto das aprendizagens é preciso ousar, experimentar outras formas para que os sujeitos tenham acesso ao conhecimento e ao saber cultural, de modo que tenham respeitadas as próprias limitações e peculiaridades. Nessa proposta modernista e inovadora, a obra de Nelson Rodrigues representa um marco histórico para a dramaturgia teatral brasileira.

O esquema narrativo de *Vestido de Noiva* é simples, contrariamente ao que sugere a divisão do palco em três planos – o da realidade, o da alucinação e o da memória. Na realidade, passa-se pouca coisa: Aláide sofre um desastre, os médicos tentam operá-la em estado de choque, jornais divulgam a notícia, e, no fim, a intervenção não é bem-sucedida – a paciente falece. (MAGALDI, 2004, p. 218).

Além de destacar a relevância da peça *Vestido de Noiva*, no processo de aprendizagem dos sujeitos inseridos na efetivação da proposta de apreciação cenográfica acessível, outras questões relacionadas ao enredo da peça, e da estética do autor, foram estudadas. Em alguns momentos, os estudantes realizaram leituras em braile, em outros, ouviam a narração do proponente da experiência, de modo que todas as informações subsidiassem a concretização do trabalho e, principalmente, tivessem ampliado o repertório cultural relacionado à arte dramática nacional.

Nesta pesquisa, diante do desafio de fazer com que o processo de letramento literário dos sujeitos com limitação visual se ampliasse, haveremos de concordar que, no contexto nacional, uma “nova geração de autores teatrais, direta ou indiretamente, valeram-se das conquistas do criador de *Vestido de Noiva*. Acaso faltassem a Nelson Rodrigues outros méritos, só esse marcaria com privilégio o lugar na dramaturgia brasileira” (MAGALDI, 2004, p. 227). Portanto, promover o acesso à informação e aos bens culturais, para um público que constantemente está à margem do esquecimento social e cultural, é um desafio que exige a gestão do pesquisador, bem como a audácia de transitar por caminhos ainda inexplorados. Além disso, é preciso que visualizemos não a deficiência simplesmente, mas a pessoa que está além das necessidades básicas sociais e culturais, cujos significados, na concepção de uma sociedade acessível, tomam formas e sentidos mediante a experiência de viver situações antes percebidas como uma barreira intransponível.

O deficiente visual, por não dispor da visão para se apropriar do conhecimento, utiliza os demais sentidos perceptuais, “tato, audição, paladar e cinestesia, como canais de apreensão da informação e materialização do abstrato” (SOUSA, 2015b, p. 87), fato que justifica a tentativa de exercitar os outros sentidos. Como o deficiente visual não dispõe da visão para se apropriar do conhecimento, outros sentidos perceptuais são utilizados como canais de apreensão da informação e materialização do abstrato” (SOUSA, 2015b, p. 87).

O principal desafio da proposta de planejamento e realização do Projeto Acessível Cenográfico, tendo como participantes apenas sujeitos deficientes visuais, demonstra que atitudes como essas repensam a escola como um espaço de todos, quando não são ignoradas as condições motora, intelectual, visual ou linguística do outro, ou quando nossas ações os enxergam como indivíduos capazes, inseridos em um contexto amplo de formação cidadã.

Assim, compreende-se que as propostas educacionais devem se fundamentar também nas mudanças atitudinais dos professores e com isso promover o encontro entre o conhecimento e os alunos com deficiência, transtornos

globais do desenvolvimento, altas habilidades e superdotação oferecendo-lhes a oportunidade de aprender no contexto da educação inclusiva. Dessa forma, é fundamental que o educador, a escola, os monitores, os auxiliares de salas e todos os envolvidos demonstrem atitudes de solidariedade e respeito, prezando pela qualidade na oferta do ensino aos estudantes com deficiência. (SOUSA, 2015b, p. 89).

Durante a proposta cenográfica, utilizamos o Laboratório de Informática da instituição mediante o auxílio do Programa Computacional Dosvox, para que os estudantes ouvissem a AD a partir do cenário apresentado. Nesse sentido, a ferramenta computacional é um programa com síntese vocal e se constitui de um “ambiente específico com interfaces adaptativas que oferece programas próprios como editor de texto, leitor de documentos, recursos para impressão e formatação de textos em tinta e em Braille” (DOMINGUES et al, 2010, p. 22), de modo que a narrativa textual fosse adaptada para o formato txt, que é uma característica do programa computacional que realiza leituras de imagem. Assim, o cenário narrado pelo programa Dosvox pode ser observado na imagem, possibilitando a compreensão de como os elementos cenográficos estavam organizados no palco.

Quadro 3- Cenário da peça Vestido de Noiva



A inserção da apreciação cenográfica, no contexto da inclusão, é uma proposta desafiadora que se apresenta como forma de ultrapassar os estereótipos criados socialmente. Assim, cumprindo o propósito dessa reflexão, será apresentada, inicialmente, uma descrição geral da imagem e, em seguida, elucida-se a acessibilidade comunicativa na experiência com os estudantes deficientes visuais cegos.

Quadro 4- Descrição geral

A imagem em preto e branco mostra três pessoas no centro do palco, sendo duas mulheres e um homem. As mulheres estão vestidas de noivas e uma delas está segurando a mão do homem que representa o papel de noivo. Atrás dessas pessoas está o cenário da peça Vestido de Noiva, com quatro portas abertas e os elementos do palco em três planos.

O planejamento da materialização importa para que, posteriormente, os sujeitos com deficiência tenham uma “visão mais humana e acessível do mundo em que vivem, preocupando-se, nos espaços que convivem e em suas futuras profissões, em como transformar a sociedade em um lugar mais justo e inclusivo, mais pacífico e amoroso” (MOTTA, 2016, p. 31). Destaca-se,

ainda, que o profissional que se propuser a realizar a AD tenha conhecimento de qual tipo de linguagem seja utilizada.

Quadro 5- Audiodescrição da experiência realizada

O cenário é formado por um palco constituído de três planos. No centro do palco há a presença de três atores que estão na primeira parte do cenário, centralizados, o que seria, na visão do autor, o primeiro plano. Além disso, há duas mulheres vestidas de noivas e um homem que simboliza o noivo, trajando um terno em preto e branco. Uma das mulheres segura a mão direita do homem. A parte central do palco lembra a fachada de uma igreja, que é decorada com um grande círculo no alto da torre com desenhos em mosaicos e abaixo há duas portas.

À direita, é possível enxergar o segundo plano do palco que tem acesso por uma escada de dois degraus. Uma mesa no formato arredondado, com um jarro em cima, compõe o segundo plano do palco, com um banco de madeira com encosto e um suporte que lembra um pilar. Acima desse palco, há um banco de madeira longo, suspenso, com uma porta que lembra uma antessala. À esquerda, terceiro plano. Os atores têm acesso a ele cruzando uma escada de doze degraus que leva a um segundo banco, só que, agora, acolchoado com uma almofada, o que transmite a ideia de uma parte destinada ao descanso dos atores na construção da peça. Na parede ao fundo tem-se uma cortina no formato oval, decoração do palco. E junto ao terceiro plano há uma passarela com uma porta embaixo dela. Os três planos são pintados nas cores preta e branca. Na cenografia produzida para a realização da peça é onde acontecem todas as ações dos atores de *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues.

Após a realização da experiência com os três estudantes deficientes visuais cegos, organizamos uma roda de conversa para avaliarmos como eles tinham percebido a narração do cenário da peça *Vestido de Noiva*. Compreender o sucesso da intervenção não foi o objetivo maior da roda de diálogos, embora um dos participantes tenha se posicionado, destacando a funcionalidade da AD.

Eu achei importante o texto ao qual nós conseguimos ouvir através do dosvox, porque dentro do texto, o autor, ele, descreve a importância que existe dentro dos três momentos da peça, do cenário *Vestido de Noiva* e, aí, a gente conseguiu ouvir e entender um pouco daquilo que foi colocado dentro do texto para que a gente pudesse compreender. (Relato do Aluno 1).

A relevância da realização da proposta ganhou destaque no relato do aluno, demonstrando que intervenções desse estilo devem ser contínuas. Com isso, há a possibilidade de ampliação do repertório linguístico-cultural dos estudantes inseridos no contexto do atendimento especializado. Em complemento, outra declaração destaca-se no relato de outro participante.

Eu também gostei, porque é o meio que a gente pode usar, né? O dosvox é uma maneira, uma técnica que a gente pode ouvir e aprender o que se trata no texto, porque nós que não enxerga, ou alguém tem que ler pra gente, ou caso o sistema dosvox, no caso que foi utilizado. (Relato do Aluno 2).

A experiência é justificada pelo estudante, que emite um questionamento inquietante, para que a sociedade repense determinadas práticas, quase sempre excludentes e seletivas. Percebe-se então que o participante não omite a importância do uso da tecnologia na amenização das disparidades relacionadas ao acesso da informação e do conhecimento. Fica evidente, no posicionamento do sujeito, a carência e, ao mesmo tempo, uma necessidade de possibilitar a compreensão e leitura do contexto social.

Diante desse contexto, evidencia-se que todas as ações, em detrimento ao atendimento das pessoas com deficiência, coadunam-se com a flexibilidade do planejamento, de modo que as necessidades sejam atendidas. Nesse aspecto, o terceiro e último integrante da proposta argumentou da seguinte maneira: “Bom, eu gostei do terceiro plano do cenário, entendi que a descrição foi excelente” (Relato do Aluno 3).

Na simplória colocação do participante, um destaque ao propósito da visualidade da cena, descrita e apreciada pela AD. Além disso, o processo descritivo da imagem ocorreu positivamente, conforme o esperado pelo estudante. Isso reafirma que as

tecnologias para as pessoas com deficiência visual são recursos que possibilitam a construção e complementação do campo semântico-linguístico, levando-as a ‘enxergar’ na escola um projeto social construído do desejo político e pedagógico de todos” (SOUSA, 2015b, p. 101).

Assim, toda experiência planejada é válida na ampliação do processo de aprendizagem dos estudantes com deficiência, quando valorizar o contexto no qual os sujeitos estão inseridos é direcionar as práticas de ensino em uma proposta eficaz, capaz de contribuir com a construção de práticas acessíveis às diferentes linguagens na escola inclusiva.

Considerações Finais

Inclusão não é utopia, mas uma realidade que precisa ser fortalecida continuamente, desde a preparação da ambientação do contexto, mudanças de conceitos relacionados às capacidades das pessoas que apresentam algum tipo de deficiência. Nessa concepção, a escola e seus agentes são responsáveis por transformarem pensamentos em atitudes inclusivistas. Uma dessas mudanças possibilita ao estudante deficiente visual acessar os conhecimentos implícitos nas imagens estáticas dos livros didáticos, na perspectiva de que o saber é parte do bem comum e, por isso, todos precisam ter os mesmos acessos, incluindo o uso da AD nos contextos formais e informais de aprendizagem.

Dessa forma, qualquer experiência deve estar fundamentada em um processo reflexivo e prático, pois, o professor, como agente facilitador das proposições de acessibilidade, precisa se reinventar continuamente e, principalmente, enxergar os sujeitos inseridos no âmbito escolar como agentes com direito à igualdade e cidadania que, na formulação do conhecimento, promova a promoção construtiva de uma sociedade mais ética e humana.

Referências

DOMINGUES, Celma dos Anjos et al. **A Educação Especial na perspectiva da Inclusão Escolar:** os alunos com deficiência visual – baixa visão e cegueira. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.

FRANCO, Eliana Paes Cardoso; SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho. Audiodescrição: breve passeio histórico. In: MOTTA, Livia Maria Villela de Melo; ROMEU FILHO, Paulo. (Orgs.).

Audiodescrição: transformando imagens em palavras. São Paulo:

Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

MACHADO, Bell. Ponto de cultura cinema em palavras: a filosofia no projeto de inclusão social e digital. In: MOTTA, Livia Maria Villela de Melo; ROMEU FILHO, Paulo. (Orgs.). **Audiodescrição:** transformando imagens em palavras. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

MAGALDI, Sábato. **Panorama do teatro brasileiro**. 6. ed. São Paulo: Global, 2004.

MOREIRA, C. M. Técnicas de leitura para leitores: os leitores deficientes visuais. In: **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/5/01.htm>.> Acesso em 05 dez. 2013.

MOTTA, Livia Maria Villela de Melo. **Audiodescrição na escola**: abrindo caminhos para leitura de mundo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

SANT'ANNA, Laercio. A importância da audiodescrição na comunicação das pessoas com deficiência. In: MOTTA, Livia Maria Villela de Melo; ROMEU FILHO, Paulo. (Orgs.). **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

SOUSA, Ivan Vale de. Atuação do professor itinerante na Educação Básica. In: **II Congresso Paraense de Educação Especial/ I Fórum Permanente de Educação Especial do Sul e Sudeste do Pará**. Marabá, 12 a 14 de novembro de 2015a. Disponível em: https://cpee.unifesspa.edu.br/images/Anais_IICpee/Ivan_Vale_de_Sousa.pdf. Acesso em 20 fev. 2017.

_____. Tecnologia acessível: reflexões sobre a utilização de recursos tecnológicos sonoros como acessibilidade aos textos literários para o aprendiz com deficiência visual. In: **DESAFIOS-REVISTA INTERDISCIPLINAR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**. V. 1, n. 02, p. 84-103, jan./jun., 2015b. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/925>. Acesso em 20 fev. 2017.

Recebido em 13 de abril de 2017
Aceito em 03 de outubro de 2017